

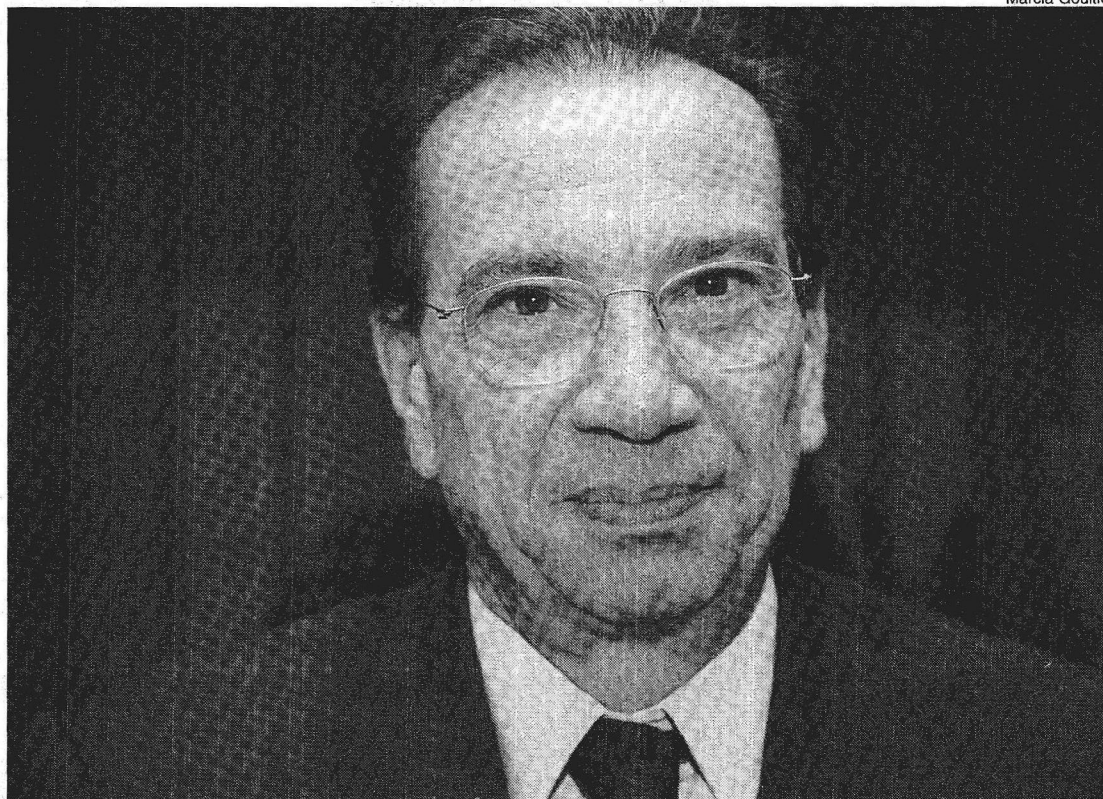
FH será coordenador da aliança em 2002

SONIA CARNEIRO E
HELAYNE BOAVENTURA

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso será o coordenador político da aliança que elegerá seu sucessor em 2002. O presidente deverá montar um colegiado formado pelos dirigentes dos partidos políticos e convocará representantes dos diretórios para tentar apaziguar as divergências na base aliada. Fernando Henrique já tem consciência de que enfrenta desgastes irreversíveis em sua articulação política e vem atropelando a ação dos atuais coordenadores que estão enfraquecidos e desacreditados.

Por esse motivo, a proposta do PMDB ao presidente Fernando Henrique Cardoso para iniciar as conversas sobre a sua sucessão obteve apoio dos partidos aliados. Para o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), a tese do PMDB está “certíssima”. Mas faz uma ressalva: o articulador da sucessão tem que ser o próprio Fernando Henrique. Ele lembra que é difícil encontrar um perfil com força política para reconciliar a base governista. “O presidente deve assumir a coordenação da sua sucessão o mais rápido possível e chamar a base aliada para discutir as divergências”, anunciou Bornhausen.

Também o presidente do PSDB, deputado José Aníbal (SP), defende que Fernando Henrique assumo o papel de coordenador da sucessão, embora avalie que ainda é cedo para isso. Como dirigente do tucanato, Aníbal teria a responsabilidade maior de iniciar os entendimentos e, mais tarde, transferir para Fernando Henrique o comando das articulações. Ele não acredita que Fernando Henrique vá indicar uma terceira pessoa para assumir a coordenação política da sucessão.



Marcia Goultier

Aloysio Nunes, da Secretaria-Geral da Presidência, um dos coordenadores políticos do governo

Missão – Aníbal avisou, porém, que já recebeu uma primeira missão do presidente e amanhã já se reúne com Bornhausen. Até o final da semana estará com o presidente do PMDB, Maguito Vilela (GO). “Vamos conversar sobre a situação e refletir as bases da futura aliança para 2002”, contou Aníbal. A preocupação do líder do PSDB na Câmara, Jutahy Júnior (BA), é com os entendimentos com Maguito Vilela, que apóia a candidatura de Itamar Franco. “O problema é que o presidente do PMDB é contra as alianças, isso pode prejudicar o plano de ação”, avaliou.

O deputado tucano, no entanto, já está percorrendo os 27 estados. Prepara um diagnóstico das alianças e dos problemas regionais para encaminhar ao presidente. Esteve no Rio de Janeiro e esta semana viaja a Minas

Gerais. Até agosto vai definir uma proposta de compromisso dos partidos com a futura aliança para as eleições de 2002. Isso não significa antecipar o lançamento do candidato. “Candidato é uma questão de tempo”, argumentou.

A avaliação unânime entre os partidos aliados é a de que o atual trio de coordenação política – Aloysio Nunes Ferreira Filho, Moreira Franco e Pimenta da Veiga – não será capaz de resolver os focos de insatisfação regionais já que nem mesmo a condução política do governo no Congresso tem sido eficiente. Para o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), o problema da base governista é eleitoral e não é de coordenação com o Congresso.

Ruído – “O problema é que temos muitos ministros na articulação e poucos interlocuto-

res”, disse Geddel. Para ele, o governo tem errado na conjugação do verbo articular. “Continuamos no gerúndio: estamos fazendo, estamos trabalhando. Temos que partir para a ação.”

Os peemedebistas aceitam que FH conduza o processo sucessório. Lembram apenas que o presidente está sobrecarregado com a crise energética e preocupado em evitar um colapso econômico. O senador Ney Suassuna (PMDB-PB), defende que o presidente indique um interlocutor com trânsito nos partidos aliados: “As divisões internas estão se agravando e podem comprometer a base governista.” Na última quinta-feira, ele levou ao presidente oito senadores do PMDB com problemas em seus estados e que ameaçam debandar para outras candidaturas como a de Itamar Franco (PMDB-MG).